

Professor, mentira tem perna curta!

Em recente artigo de página inteira publicado no jornal Valor Econômico, que deve ter custado uma fortuna (se não em espécie, mas em reciprocidade às inúmeras facilidades dadas ao mercado especulador enquanto membro da Alta Administração da Empresa), o consultor e ex-conselheiro de administração da Eletrobras, Vicente Falconi, nem bem esfriou a cadeira e já se lançou novamente como "vendedor" de mentiras, ao afirmar que "- Com boa gestão, estatal não tem como investir para atender às necessidades do país e defendeu Capitalizar a Eletrobras".

O artigo de Falconi gerou debate, não por conta da sua posição favorável à privatização, o que não é novidade, principalmente por sua proximidade com o bilionário Jorge Paulo Lemann, que o tem como guru, mas por uma série de inverdades citadas, que nada mais é do que uma compilação barata de todas as falácias engendradas no âmbito dos escritórios dos grandes fundos, acionistas minoritários da Eletrobras, cujo roteiro é incansavelmente praticado pela atual gestão da Empresa, envolvendo a Diretoria Executiva e o Conselho de Administração.

A principal manifestação foi do ex-presidente da Eletrobras José da Costa Carvalho Neto, antecessor de Wilson Pinto Junior, que com sua autorização, reproduzimos abaixo (com grifos nossos).

"Prezados senhores,

Faço menção ao artigo de autoria de Prof. Falconi, publicado na última semana, intitulado como "Capitalizar a Eletrobras". Não pretendo analisar a proposta de privatização defendida, mas fazer considerações sobre algumas informações e dados prestados relacionados a administração anterior, que são bastante diferentes do que realmente ocorreu. Presidi, com muita honra, a Eletrobras de fevereiro de 2011 a julho de 2016, depois de atuar 33 anos na Cemig e 10 anos na iniciativa privada.

Em 2011 a Eletrobras apresentou um lucro de R\$ 3,7 bilhões e caminhava para um lucro bem superior a este valor em 2012. Com a edição em 2012 da MP-579, sobre a renovação das concessões, a Eletrobras perdeu repentinamente R\$ 8,75 bilhões de receita anual o que impactou fortemente seus indicadores econômico-financeiros.

Internamente já estávamos trabalhando estrategicamente sobre o assunto, que deveria acontecer em 2015 e imaginávamos com uma perda de receita bem inferior.

*Editada a MP, reforçamos nossa atuação em dois sentidos: **o primeiro de aumentar a receita, pela reconsideração no cálculo dos preços de ativos de geração e principalmente de transmissão não amortizados, hoje plenamente reconhecidos no valor de R\$ 46,0 bilhões.***

*E o segundo pelo aumento de outras receitas e redução dos custos, a partir de diretrizes consubstanciadas em um **Plano Estratégico de Longo Prazo e em Planos Diretores de Negócio e Gestão-PDNG, com horizonte quinquenal e revisão anual.***

*Estas diretrizes geraram metas e ações operacionais e econômico-financeiras, desdobradas para as empresas subsidiárias, através dos **Contratos de Metas e Desempenho Empresarial- CMDE e daí para os diversos órgãos das empresas, através dos indicadores para o Sistema de Gestão de Desempenho-SGD.***

***Assim não é verdade a afirmação absurda, que a empresa não tivesse um fluxo de caixa ou indicadores.** Nem tão pouco que pagássemos juros escorchantes. Pelo contrário,*

mesmo durante a crise financeira fizemos uma captação de R\$ 6.0 bilhões com juros de 118% do CDI, a época compatível com juros de mercado. Outra informação absurda é a de que não tínhamos relação com o mercado financeiro. A Eletrobras, como uma empresa de capital aberto, listada na B3, na Bolsa de Nova Iorque e na Bolsa de Madrid, sempre teve compromisso com o mercado. Assim participou de forma sistemática em teleconferências, eventos, Apimecs, reuniões com analistas e investidores no Brasil e no exterior, dando ampla divulgação ao mercado, mesmo nos períodos adversos.

Uma das ações realizadas foi a implantação de programas de incentivo ao desligamento de empregados, que permitiu a redução harmoniosa do quadro de 4.000 empregados. Quando deixamos a presidência da Eletrobras o número de empregados era inferior a 23.000 e não de 26.000 como assinalado.

Outra diretriz aprovada foi a privatização das distribuidoras, iniciada com a Celg e depois com as outras seis distribuidoras do Norte e Nordeste. Estas ações, nem todas de responsabilidade da Eletrobras, não foram concluídas no período de nossa gestão, mas devidamente encaminhadas e atualmente concluídas, o que demonstra a assertividade nas estratégias que vinham sendo adotadas pela companhia. Se computássemos o efeito da privatização, o quadro se reduziria para cerca de 16.500 empregados ao final de nosso mandato.

Naturalmente que não cabe aqui descrever todas as ações tomadas, **mas queremos ressaltar as providências iniciais para a implantação do sistema computacional de gestão empresarial PRO-ERP, abrangendo todas as empresas do grupo, a automação dos processos operacionais e a informatização dos processos administrativos.**

O desempenho operacional de nossas empresas no Sistema Interligado Nacional, medidos pelos índices de defeito/Km ou de robustez, melhorou mesmo neste cenário de escassez de recursos, com resultados superiores ao conjunto dos outros agentes do setor. Também as distribuidoras registraram melhorias em sua performance operacional, medidos pelos indicadores de duração e frequência de interrupção por consumidor.

Tivemos que reduzir nossa participação em leilões, reavaliar prioridades, ajustar cronogramas, mas mesmo assim, **ao contrário do propalado, a expansão foi significativa. A capacidade de geração foi acrescida de 6.000 MW, o sistema de transmissão de 9.000 km de linhas e ligamos cerca de 1,0 milhão de novos consumidores**, o que contribuiu significativamente para se atingir a quase 100% de universalização de nossos serviços.

A maior parte da expansão em geração e transmissão foi feita em empreendimentos conjuntos com a iniciativa privada, nos quais a Eletrobras detinha cerca de 50%.

Desta forma o total da expansão em geração e transmissão disponibilizado para o Brasil é quase o dobro do valor acima apresentado. Além disto só estamos computando nos números as instalações que entraram em operação, e não aquelas em fase final de conclusão. Somente estes ativos, em sua fase pós financiamento, deverão gerar um fluxo de caixa líquido anual para a Eletrobras, superior a R\$ 10,0 bilhões.

Como consequência da já mencionada redução de receita, acentuada pela perda em ações jurídicas sobre o empréstimo compulsório, ocorrido na década de 1960, tivemos acentuados

prejuízos de 2012 a 2015, mas que foram revertidos no primeiro semestre de 2016, fruto das ações tomadas e principalmente com a reconsideração dos ativos não remunerados anteriormente.

No primeiro semestre de 2016, tivemos um lucro recorde na história da Eletrobras de R\$ 8,9 bilhões. Calculando-se o endividamento pela relação dívida líquida/ebtida com os dados do balanço do primeiro semestre de 2016, o indicador seria inferior a 1,0. Gerencialmente é normal se retirar o efeito não recorrente da receita empresarial, mas de qualquer forma este efeito está refletido nos balanços atuais. E mais, terá reflexos adicionais ainda não lançados em balanço. O valor de mercado da Eletrobras em julho de 2016 foi substancialmente elevado para R\$ 23,3 bilhões.

Não pretendemos demonstrar que a empresa operava com padrões ótimos. Pelo contrário, tínhamos consciência do muito ainda a ser feito, conforme estabelecido na última revisão de nosso PDNG 2016-2020.

Tão pouco queremos tirar o mérito da atual administração.

Só queremos o reconhecimento dos resultados alcançados.

É uma questão de respeito profissional aos conselheiros, diretores, gerentes e empregados que tanto esforço deram a empresa neste período tão conturbado.

Atenciosamente.

José da Costa Carvalho Neto

Diante das informações detalhadas acima pelo ex-presidente Costa Neto, as Entidades de Representação dos Trabalhadores e trabalhadoras da Eletrobras, repudiam a forma desrespeitosa, usando inverdades, que este senhor, Consultor e Conselheiro de Administração da Eletrobras Vicente Falconi, articula nos meios de comunicação, a entrega de uma das maiores empresas de energia elétrica do mundo.

Um governo lamentável só pode gerar pessoas apequenadas e lamentáveis, que em plena pandemia, da qual mais de 80 mil vidas foram perdidas, só pensam em seus próprios umbigos, não enxergando o que é visto a olhos nus!

Ademais, acreditamos que ex-diretores, ex-conselheiros de administração da Eletrobras, bem como ex-membros do MME, também possam corroborar com a lúcida carta do ex-presidente José da Costa.

Compartilhem este informe com os colegas!

Juntos somos mais fortes!

ASSOCIE-SE A AEEL ([clique aqui](#)) OU AO SINDICATO DE CLASSE ([links nas logos abaixo](#))

A Diretoria, em 31 de julho de 2020.
Associação dos Empregados da Eletrobras – AEEL

